

Para um modelo etológico unificado da depressão

A. BRACINHA VIEIRA (*)

I

Postulámos anteriormente (Vieira, 1982, 1983) que as formas endógenas da melancolia corresponderiam a uma alteração patológica do sistema de regulação da dominância do Sujeito, arrastando-o num declínio abrupto de estatuto, nele reflectido enquanto vivência e comportamento. Admitimos também que esta perturbação representava um vector de um sistema mais complexo — o «esquema hierárquico» — cuja desregulação em sentido inverso, isto é, como ascensão de dominância, implicava uma outra forma, inversamente configurada de estar-no-mundo, correspondente ao síndrome maníaco-depressivo. O mecanismo alterado das retro-acções, partindo da perturbação matricial, levaria (num caso como noutro, e, alternadamente, nos acessos de psicose maníaco-depressiva) a um sentimento vital deformado do próprio estatuto do Sujeito psicótico em situação gregária.

A desorganização cíclica deste sistema de comportamentos sociais, sob influência genético-constitucional, constituiria assim a base de um modelo comparativo das timopatias. Considerámos ainda que o «esquema hierárquico» mantinha conexão íntima com outro sistema de comportamentos sociais

— que denominámos «esquema espaço-territorial» — cujo desregulamento explicaria, por seu lado, a emergência de estados psicóticos esquizomorfos, de configuração variável ao longo de um vector de «desterritorialização» (Vieira, 1983). Isto é: quando a habitual relação hierárquica com as pessoas íntimas se torna em relação de intolerância territorial, elas transformam-se, para o Sujeito que assim as percebe, em estranhos cujos desígnios são apreendidos como inquietantes e ameaçadores. Também este esquema seria bipolar, correspondendo os deslocamentos centrífugos ao síndrome paranóide, e as fixações centrípetas à paranóia verdadeira. Todas as transições e estados mistos seriam teoricamente possíveis entre estas tendências vectoriais dos dois sistemas, configurando os diversos síndromos típicos e atípicos das psicoses endógenas.

O modelo assim articulado decorre de uma perspectiva filogenética, e evoca dois sistemas de comportamento — um de repartição do espaço habitado, outro de hierarquia de dominâncias — que mantêm a «homeostasia

(*) Professor da Faculdade de Medicina de Lisboa (Psiquiatria) e da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (Etologia Humana).

social» entre inúmeras espécies gregárias nos mais variados níveis taxonómicos. A comparação dos comportamentos depressivos endógenos com os comportamentos de colapso hierárquico observados em Primatas não humanos é consentânea com a interpretação adoptada: a mesma equivalência motivacional se obtém ao comparar a atitude do melancólico e a dos animais em declínio hierárquico. Deste modo, o modelo proposto constitui simultaneamente uma chave para a explicação e para a compreensão das depressões humanas: o ressurgir de um padrão filético ancestral contrapõe-se à transformação do vivenciar do mundo do melancólico.

É de admitir como muito provável que o sucesso genético dos Hominídeos e Hominídeos primitivos tenha aumentado pela adopção de estratégias espaço-territoriais entre grupos vizinhos dispondo de extensas áreas vitais, e de estruturas intragrupo hierárquicas. Tanto os Chimpanzés, os animais actuais geneticamente mais aparentados com o Homem, como os Babuínos, que enfrentaram no seu passado pressões ecológicas semelhantes às dos Hominídeos, dispõem de unidades sociais fortemente hierarquizadas. Há, pois, razões de comum herança (homologia, com os Pongídeos) e de convergência adaptativa (analogia, com os macacos terrestres) para considerar a dominância como uma pré-adaptação cuja função foi reforçada no decurso da hominização.

As revisões recentes do problema das relações de dominância na espécie humana (Omark, Strayer, e Fredman, eds, 1980; Bernstein, 1981) suscitam inúmeras dúvidas conceptuais e metodológicas neste domínio, mas comprovam a existência e a importância do fenómeno da dominância e das escalas hierárquicas nos grupos humanos. Se nos distanciarmos e prestarmos atenção, verificamos como a quase totalidade dos actos humanos e dos comportamentos sociais dos homens têm como objectivo e motivação,

consciente ou inconsciente, quer a definição, quer a promoção de estatuto social. Segundo Barkow (1981), a auto-estima, objectivo importante dos seres humanos, encontra satisfação na conquista de prestígio social, e os mecanismos accionados para o conseguir decorrem do sistema hierárquico do comportamento. Contudo, raras vezes nos apercebemos de quanto os nossos gestos do dia-a-dia e o nosso projecto existencial servem uma função hierárquica — de ascensão, definição ou sinalização de estatuto.

Apesar das dificuldades em definir dominância e em precisar em que medida o seu papel nas sociedades primáticas é aprendido por cada um dos indivíduos em interacção, a maior parte dos autores (v. g. Seyfarth, 1981; Smuts, 1981) admite que o fenómeno diz respeito ao significado biológico de «vencer» nas diversas situações de contexto competitivo, e que constitui influência primordial nas interacções sociais dentro de cada grupo. Subsiste polémica sobre se o conceito de dominância é meramente relativo (Chalmers, 1979), ou se correlaciona directamente com o temperamento e traços psicológicos dos indivíduos (Nash e Chamove, 1981; Buirski e col., 1978).

Em grupos de algumas espécies de Primatas não humanos, provou-se que os indivíduos dominantes, em ambientes com escassos recursos, aumentam relativamente as suas condições de sobrevivência e o seu sucesso reprodutivo (Jones, 1981; Wrangham e Waterman, 1981). Delgado (1983) mostrou como, em exemplares dominantes de *Macaca mulatta* com eléctrodos cerebrais implantados, os congéneres subalternos, quando têm acesso aos botões de estimulação telemétrica, logo aprendem a estimular repetidas vezes as zonas cerebrais que reduzem a dominância daqueles congéneres ameaçadores, tirando assim partido de uma inversão circunstancial de estatutos.

O mesmo autor (Delgado, 1983) demonstrou que a rádio-estimulação central com respostas agonísticas — dirigida ao núcleo

pósterio-ventral do tálamo óptico — provocou diversas reacções comportamentais numa fêmea de *Macaca mulatta* conforme o grau de dominância de que esta dispunha, respectivamente, em cada um de três grupos em que a experiência foi levada a efeito: no grupo em que era subalterna, produzia uma «grimace» submissiva; enquanto no grupo em que ocupava a posição beta, o mesmo estímulo desencadeava nela fortes comportamentos agressivos e intimidativos.

II

Procuramos mostrar a compatibilidade e a complementaridade entre o *modelo filogenético* da depressão que formulámos (*cf. supra*) e o seu *modelo ontogenético*, há longo tempo proposto por Spitz (1945) com base nas suas observações da «depressão analítica» na espécie humana, e por Harlow e col. (1979) no decurso de experiências de privação empreendidas nos últimos vinte anos pela Escola de Wisconsin com crias de *Macaca mulatta* — muito embora viessem a ser demonstradas grandes variações quantitativas das influências depressogêneas entre as várias espécies do género *Macaca* (Kaufman, 1975).

O estatuto que uma cria vem a adquirir na idade adulta está correlacionado directamente com o grau de dominância da mãe (Sade, 1972, resumido por Gouzoules, 1975). Já Kawai (1958) criara o termo «estatuto dependente» (*dependent rank*) para denominar este fenómeno, então observado em *Macaca fuscata*. Em relação aos Babuínos, Cheney (1977) mostrou que uma das causas do «estatuto dependente» é a protecção constante que a mãe presta às crias quando estas são ameaçadas ou atacadas. Por outro lado, os Primatas são bons observadores e têm boa memória — e a observação do comportamento social das mães pelas próprias crias pode modelar nelas um estatuto futuro equiparável (Chalmers, 1979).

Como se sabe, uma vez que um grupo de Primatas formou e estabilizou a sua hierarquia, os comportamentos agonísticos reduzem-se e ritualizam-se, e a memória de cada indivíduo assegura a sua permanência. À fase inicial de confrontações diádicas sucede-se um período dominado pelas apresentações genitais, intimidativas (masculinas) e submissivas (femininas), e a «homeostasia hierárquica» é, desde então, atestada por outros comportamentos, como os olhares trocados entre os indivíduos, e o despiohamento social ou alo-catagem (*v. p. ex.*, Sade, 1972, e Coelho e col., 1983).

A morte ou doença de indivíduos dominantes, ou a inclusão no grupo de novos membros, reacendem as confrontações violentas, desintegrando episodicamente o sistema agonístico. Por tanto, o ambiente social em que se desenvolve o grau de dominância de cada animal compreende uma interacção de factores, que compreendem: 1) predisposição genética; 2) idade, experiência adquirida e estatuto da mãe; 3) natureza das relações do par mãe-cria; 4) composição etária e por sexos e estabilidade social do grupo; 5) capacidade para estabelecer alianças no interior do grupo.

Nos Primatas superiores, observam-se com frequência *comportamentos alo-maternais* (resumido por Blaffer-Hrdy, 1976), e, mais raramente, *comportamentos alo-paternais* (Box, 1984; Soczka, 1984). O grau de viabilidade e o eventual sucesso na adopção das crias varia de espécie para espécie, mas envolve importantes factores individuais; por um lado, nem todas as crias adoptadas respondem convenientemente às solicitações alo-maternais; por outro, nem todas as fêmeas lactentes, quando solicitadas por crias que as procuram, respondem favoravelmente. Mas quando a adopção por uma fêmea de estatuto social elevado é bem sucedida, a cria adoptada eleva paralelamente o seu futuro estatuto hierárquico, em termos de acesso prioritário aos alimentos, protecção e interacções favoráveis com

os outros membros do grupo (Blaffer-Hrdy, 1976; Box, 1984). Ao longo da ontogénese, desperta nas crias uma oscilação de tendências entre a exploração do ambiente e o vínculo à mãe (Harlow e Harlow, 1965).

No estado actual dos conhecimentos, parece dever admitir-se que o estatuto de cada indivíduo advém de predisposição genético-temperamental, mas também de uma aprendizagem social, na qual o estatuto da mãe é determinante. Ora quando se dá a perda da mãe, o estatuto da cria sofre uma interferência catastrófica (mesmo quando, em ambiente protegido, todas as exigências fisiológicas são asseguradas — como nas experiências da Escola de Wisconsin). A consequência, para a cria, dessa catástrofe na ontogénese da sua dominância, é uma depressão anaclítica.

O que invariavelmente acontece é que o afastamento da mãe, além de expor a cria a riscos que comprometem, na natureza, a sua sobrevivência, representa para ela a perda do motor social do seu estatuto, da sua segurança imediata e da sua posição hierárquica futura (Singh, 1975). A cria órfã sofre um colapso do desenvolvimento do seu sistema hierárquico: sem a presença da mãe, fica indefesa e produz uma resposta comportamental dramática de inibição motora e apatia, retraimento social e recusa de alimentos — que equivale, ponto por ponto, às depressões das crianças hospitalizadas (Hasegawa e Hiraiwa, 1980). Tais semelhanças sugerem formalmente a existência de mecanismos homólogos — entre o Homem e Primatas não humanos de alta gregaridade — no que respeita à ontogénese e à patologia da vinculação e da dominância.

III

Também entre os indivíduos adultos, o estatuto de cada sujeito e a sua estabilidade dependem dos elos relacionais que esta-

belece com os seus congêneres e das alianças sociais que consegue formar. A supressão desses elos pode acarretar uma indefinição hierárquica ou um afundamento — objectivo e vivido — da dominância precedente, produzindo no plano do comportamento os correlativos sintomas depressivos. De facto, mais do que simples inter-acções agonísticas, a dominância decorre das *estratégias sociais intra-grupais* (Rosenblum e Schwartz, 1983; Harlow, 1971; Harlow e Mears, 1979).

Ora a primeira e a mais decisiva dessas estratégias é a da ligação fusional, e depois anaclítica, do recém-nascido à mãe. Ao longo da ontogénese, a estratégia social para o sucesso de cada indivíduo complexifica-se e individualiza-se — não tanto por uma «dominância» intrínseca absoluta e abstracta como pelas inter-acções estabelecidas de altruísmo familiar e de altruísmo recíproco. A ruptura destas acompanha-se de um declínio de dominância real, que é reafirado por retro-acções ao nível do comportamento.

A memória do estatuto anterior e a sua comparação com a maior vulnerabilidade actual rege a transformação comportamental — inibição dos impulsos vitais, lentificação dos movimentos, postura retraída e flectida, «castração psíquica» (Brain, 1981), recusa dos jogos (nas crias), isolamento social progressivo, recusa de alimentos, e, no limite emaciação letárgica e morte — isto é, todo o síndrome da «depressão macaco» como tem sido descrito classicamente (Mckinney, Suomi e Harlow, 1971; Goodall, 1973).

Inversamente, o estabelecimento de elos significativos com figuras de estatuto hierárquico elevado e estável constitui garantia de promoção e estabilidade hierárquicas. No caso das depressões humanas, os terapeutas representam porventura essas figuras dominantes, com quem a «aliança terapêutica» tem o valor de estimular a recuperação hierárquica, a elevação de estatuto dos doentes, isto é, as melhoras da depressão. O papel do terapeuta e da psicoterapia poderia então

ser, fundamentalmente, o de *assegurar uma aliança susceptível de elevar a dominância, em pleno declínio, do doente depressivo*, garantindo-lhe, no plano das instituições hospitalares, uma protecção a partir da qual possa reassumir a sua actividade.

A relação protectora de proximidade física que os depressivos procuram muitas vezes com o terapeuta nos «grupos terapêuticos», foi observada e descrita com metodologia etológica (Kellerman e col., 1974; Buirski, 1975). A figura terapêutica do *ego auxiliar* desempenha análoga função.

O modelo assim construído contém além de inferências causais e seus correlatos terapêuticos, implicações diagnósticas, proporcionando eixos de referência — decorrentes dos sistemas comportamentais postos em jogo — que permitem fundamentar *critérios etológicos para uma classificação multi-axial dos síndromos* e, eventualmente, das doenças psiquiátricas.

Em conclusão: a dominância seria, por um lado, uma variável independente, característica intrínseca de cada sujeito; por outro lado, uma variável dependente resultante da situação relacional do sujeito em cada momento e da sua estratégia competitiva no grupo em que se situa. O declínio patológico do primeiro factor desencadearia formas endógenas de depressão, enquanto a desorganização do segundo factor seria o motor etiopatogénico decisivo das *depressões reactivas*.⁽¹⁾ No plano da realidade social e clí-

⁽¹⁾ Podemos mesmo conceder, de forma analógica, que toda e qualquer frustração de um projecto existencial implica redução de dominância vivenciada em situação, e pode conduzir a uma *reação vivencial depressiva*. A «perda objectal» da Psicanálise pode ser entendida segundo uma mesma perspectiva, sendo então de admitir que as depressões neuróticas decorrem do mesmo padrão, reforçando estratégias subjectivas no jogo da dominância e do poder vividos em interioridade. O papel imediato do terapeuta seria, também aqui, o de um aliado social dominante que permitiria que o doente, protegido, reconstruísse a sua auto-estima e o seu estatuto abalados.

nica, só algumas destas formas seriam puras, antes se obtendo graus intermédios entre as modalidades polares.

A dominância é uma característica das sociedades de Primatas terrestres e das sociedades humanas. Na sua dinâmica intervêm factores genéticos e não genéticos, estes estabelecidos essencialmente em fases precoces da ontogénese, na relação com a mãe e/ou seus equivalentes alo-maternais. A depressão anaclítica corresponde à interrupção brusca deste processo, que acarreta uma queda catastrófica de segurança e estatuto da cria. Se ao declínio hierárquico de mecanismo endógeno corresponde um acesso melancólico, ao declínio provocado pela ruptura de alianças sociais (de que a perda da mãe e a depressão anaclítica, não humana e humana, constituem o paradigma e o modelo originário) corresponderá a eclosão de uma depressão reactiva.

RESUMO

O modelo que anteriormente propusémos para a patogénese das depressões endógenas, com base num declínio de dominância devido a um desregulamento do sistema hierárquico — sistema fundamental na manutenção da «homeostasia social» dos Primatas — é susceptível de explicar outras formas de depressão e de englobar o modelo anaclítico das depressões humanas e não humanas. A depressão anaclítica constitui de facto, uma situação particular de queda hierárquica em período altamente vulnerável da ontogénese. Assim se acede a um modelo geral das depressões, onto-filogenético; e a um modelo terapêutico correlativo, com incidências psico-sócio-terápicas.

SUMMARY

The model previously proposed by the author on the pathogeny of endogenous depressions, based on a dominance decline due

to a failure in the regulation of the hierarchical system — which is fundamental to the maintenance of primate «social homeostasis» — can explain other forms of depression and integrate the anaclitic model of human and non-human depressions. The anaclitic is, indeed, a specific situation of hierarchical decline in a highly vulnerable period of ontogeny. We can thus come to a general onto-philogenetic model of depression and to a correlated model of therapy, with psycho-social-therapeutic implications.

BIBLIOGRAFIA

- BARKOW (1980) — Chap. 8, in: D. R. Omark, F. F. Strayer & D. G. Freedman (eds.), *Dominance Relations: An Ethological View of Human Conflict and Social Interaction*, New York (Garland STPM).
- BERNSTEIN, I. S. (1981) — «Dominance: The baby and the bathwater». *The Behavioral and Brain Sciences*, 4 : 419-457.
- BLAFFER-HRDY, S. (1976) — Care and exploitation of nonhuman Primate infants by conspecifics other than the mother, in: J. S. Rosenblatt, R. A. Hinde, E. S. Shaw & C. Beer (eds.) *Advances in the Study of Behaviour*, vol. 6, Academic, New York.
- BOX, H. O. (1984) — *Primate Behaviour and Social Ecology*, Chapman and Hall, London.
- BRAIN, P. F. (1981) — «The concept of dominance also has problems in studies of Rodents». *The Behavioral and Brain Sciences*, 4 : 434-435.
- BUIRSKI, P. (1975) — «Some Contributions of Ethology to Group Therapy: Dominance and Hierarchies». *Internat. J. Group-Psychotherapy*, 25 (2): 227-235.
- BUIRSKI, P., PLUTCHIK, R. e KELLERMAN, H. (1978) — «Sex differences, dominance and personality in the Chimpanzee». *Animal Behaviour*, 26 (1): 123-129.
- CHALMERS, N. (1979) — *Social Behaviour in Primates*, Arnold, London.
- CHENEY, D. L. (1977) — «The acquisition of rank and the development of reciprocal alliances among free-ranging immature Baboons». *Behav. Ecol. Sociobiol.*, 2: 303-318.
- COELHO, A. M., TURNER, S. A. e BRAMBLETT, C. A. (1983) — «Allogrooming and social status: an assessment of the contributions of female behavior to the social organization of Hamadryas Baboons (*Papio hamadryas*)». *Primates*, 24 (2): 184-197.
- DELGADO, J. M. R. (1983) — «Dominance, hierarchy, and brain stimulation», *The Behavioral and Brain Sciences*, 2: 334-335.
- GOUZOULES, H. (1975) — «Maternal rank and early social interactions of infant stump-tail macaques, *Macaca arctoides*». *Primates*, 16: 405-418.
- GOODALL, J. (1973) — «The behaviour of Chimpanzees in their natural habitat», *Amer. J. Psychiatry*, 130 (1): 1-11.
- HARLOW, H. F. e HARLOW, M. K. (1965) — «The affectional systems», in: A. M. Schrier, H. F. Harlow e F. Stollnitz (eds.), *Behaviour of Nonhuman Primates*, vol II, Academic, New York.
- HARLOW, H. F. e MEARS, C. (1979) — *The Human Model: Primate Perspectives*, Willey, New York.
- HASEGAWA, T. e HIRAIWA, M. (1980) — «Social interactions of orphans observed in a free-ranging troop of Japanese monkeys». *Folia Primatol.*, 33: 129-158.
- JONES, C. B. (1981) — «The evolution and socioecology of dominance in primate groups: A theoretical formulation, classification and assessment.», *Primates*, 22 (1): 70-83.
- KAUFMAN, I. C. (1975) — «Learning what comes naturally: The role of life experience in the establishment of species typical behavior», *Ethos*, 3: 129-142.
- KAWAI, M. (1958) — «On the system of social ranks in a natural group of Japanese monkeys», *Primates*, 1: 111-148.
- KELLERMAN, H., BUIRSKI, P. e PLUTCHICK, R. (1974) — Group behavior in a baboon troop: implications for human group process — in: Yolberg & Aronson (eds.), *Group Therapy*: 211-221, Stratton Intercontinental, New York.
- MCKINNEY, W. T., SUOMI, S. J. e HARLOW, H. F. (1971) — «Depression in Primates». *Amer. J. Psychiatry*, 127 (10): 1313-1320.
- NASH, V. J. e CHAMOVE, A. S. (1981) — Personality and Dominance in Stump-Tailed Macaques — in: A. B. Chiarelli & R. S. Corrucini, eds., *Primate Behavior and Sociobiology*: 88-92, Springer, Berlin.
- OMARK, D. R., STRAYER, F. F. e FREEDMAN, D. G., eds. (1980) — *Dominance relations: An ethological view of human conflict and social interaction*. Garland STPM, New York.

- ROSENBLUM, L. A. e SCHWARTZ, C. G. (1983) — «Dominance: Strategy is the name of the game». *The Behavioral and Brain Sciences*, 2: 337-338.
- SADE, D. S. (1972) — «Sociometrics of *Macaca mulatta*: linkages and cliques in grooming matrices». *Folia Primatol*, 18: 196-223.
- SEYFARTH, R. M. (1981) — «Do monkeys rank each other?». *The Behavioral and Brain Sciences*, 4: 447-448
- SINGH, M. (1975) — «Mother-infant separation in rhesus monkeys living in natural environment». *Primates*, 16: 471-476.
- SMUTS, B. (1981) — «Dominance: An alternative view». *The Behavioral and Brain Sciences*, 4: 448-449.
- SOCZKA, L. (1984) — *Etologia social e sociometria*, Instituto Abel Salazar, Porto.
- SPITZ, R. A. (1945) — «Hospitalism». *Psychoanal. Study Child*, 1: 53-74.
- VIEIRA, A. B. (1982) — «Ethologie et psychiatrie: phylogénie des comportements et structure des psychoses». *L'Evolution Psychiatrique*, 47 (4): 999-1017.
- VIEIRA, A. B. (1983) — «Esquema hierárquico e síndromos afectivos — in: *Etologia e Ciências Humanas*: 357-398, Imprensa Nacional, Lisboa.
- WRANGHAM, K. W. e WATERMAN, P. G. (1981) — «Feeding behaviour of vervet monkeys on *Acacia tortilis* and *Acacia xanthophloea*: with special reference to reproductive strategies and tannin production». *J. Anim Ecol.*, 50: 715-731.



INSTITUTO SUPERIOR DE PSICOLOGIA APLICADA

SEMINÁRIOS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA EDUCACIONAL

no âmbito do Diploma de Estudos Avançados em Psicologia Educacional
ISPA / Universidade de Bristol

2.º ANO: Janeiro de 1987 a Dezembro de 1987

- * **Psicossociologia da Educação:** Professor Peter Robinson
(School of Education, University of Bristol)
12 a 16 de Janeiro das 14.30 às 18.30 horas
- * **Psicologia do Desenvolvimento:** Dr.ª Sara Meadows
(School of Education, University of Bristol)
16 a 20 de Março das 14.30 às 18.30 horas
- * **Linguagem e Desenvolvimento Infantil:** Professor Jean-Paul Bronckart
(Faculte de Psychologie et des Sciences de l'Education, Université de Genève)
20 a 24 de Abril das 14.30 às 18.30 horas
- * **Psicologia do Ensino e Aprendizagem:** Dr. David Fontana
(Department of Education, University College)
4 a 8 de Maio das 14.30 às 18.30 horas
- * **Psicologia de Crianças com Necessidades Educativas Especiais:**
Dr.ª Rosemary Davidson (Faculty of Education, Bristol Polytechnic)
8 a 12 de Junho das 14.30 às 18.30 horas
- * **Métodos de Investigação:** Dr. David Satterly
(School of Education, University of Bristol)
26 a 30 de Outubro das 14.30 às 18.30 horas
- * **O Trabalho de um Psicólogo Educacional:** Dra. Jenny Maddick
(Principal Educational Psychologist for Hampshire)
30 de Novembro a 4 de Dezembro das 14.30 às 18.30 horas
- * **A Psicologia Educacional na Inglaterra e País de Gales:**
Dr. Robert Stratford (Department of Psychology, University of Southampton)
7 a 11 de Dezembro das 14.30 às 18.30 horas

* Aceitam-se inscrições em regime de auditor livre para cada um destes Seminários passando-se certificados de frequência. As inscrições estão abertas a partir de 6 de Abril e têm número limitado.

Contactar: ISPA, Rua Jardim do Tabaco, n.º 44, 1100 LISBOA
Telefone: 86 31 84/5/6